

REVISTA
— DO —
INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção de **TH. POMPEU SOBRINHO**

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

**JOAQUIM ALVES
D. ALBA VALDEZ
JOSA MAGALHÃES
FRAN MARTINS**

TOMO LXIV — ANO LXIV

1950

**Dedimus profecto grande
patientiae documentum**



**EDITORA INSTITUTO DO CEARÁ, LTDA.
FORTALEZA - CEARÁ**

As origens dos Índios Cariris

TH. POMPEU SOBRINHO

Sabe-se que o povoamento precolombiano do Continente Americano, processado no decurso de muitos milénios, fez-se com a contribuição de povos primários de origens étnicas diferentes, oriundos de pontos diversos do Velho Mundo.

Cinco correntes migratórias, cada uma composta de numerosas levas mais ou menos volumosas, chegaram à América em épocas diversas, sucessivamente, no curso secular da preistória deste Continente.

As duas primeiras correntes compunham-se de paleolíticos, dolicoídes do tipo australiano. Alcançaram o Novo Mundo, vindos da Sibéria pelo caminho do NW., o actual estreito de Bering, que atravessaram a pé enxuto, imediatamente antes e logo depois da culminação glacial do mancato, sub-período Wisconsiniano.

A terceira corrente chegara também da Sibéria pelo estreito de Bering ou pela cadeia das ilhas Aleutinas, em pequenas embarcações de peles armadas sobre uma estrutura rudimentar de madeira. Estes imigrantes eram mesolíticos que começavam a polir a pedra, confeccionar uma grosseira cerâmica, usar com mais desenvolvimento os utensílios de osso e exercitar uma rudimentar agricultura; mas as suas principais actividades estavam voltadas ainda para a caça e a pesca marítima.

A quarta corrente migratória, muito numerosa, compunha-se de uma infinidade de levas de um povo formado no SE. da Ásia, protomalaios, braquicéfalos ou braquióides, de cultura média ou neolítica. Foi enorme a duração desta migração,

cujas levas chegavam ás costas intertropicais da América, em embarcações relativamente rudimentares, navegando pelo Pacífico.

Discute-se o itinerário marítimo seguido por estes povos dotados de extraordinário dinamismo. Querem alguns estudiosos tenham vindo através do oceano; outros acham que teriam perlongado as costas asiásticas de sul a norte e, assim, hajam alcançado as do ocidente da América, pelas quais desceram, premidos por várias circunstâncias. Chegaram à região intertropical, donde se internaram pelo Continente, ora buscando as zonas meridionais dos Estados Unidos da América do Norte, ao longo da faixa litorânea e sublitorâneas do golfo do México, ora procurando a cordilheira setentrional dos Andes. Inadequada ás suas actividades prosseguiram e, transpondo-a, expandiram-se pelas terras quentes e húmidas das bacias do Orenoco e do Amazonas, onde encontravam as condições especiais aos seus precípuos movimentos culturais: a agricultura, a navegação fluvial, a caça na floresta, a pesca abundante nos lagos e nos rios. Nessa vastíssima região concentravam-se as levas que chegavam do NW. colombiano e, provavelmente, outras da mesma origem étnica que, depois de perlustrarem as costas do golfo de México e a península da Flórida, passavam através das Antilhas para a metade meridional do continente. A terra firme alcançada nas proximidades do largo delta do rio Orenoco facilitava o internamento pela navegação fluvial que levava áquelas privilegiadas zonas do ocidente da amazónia.

A quinta e última corrente de povoadores exóticos procedia da Oceânia; compunha-se de protopolinésios, braquióides, de estatura baixa, com notável dinamismo. Fora, porém, muito reduzida em número de elementos.

Chegara em época relativamente recente às costas ístmicas e colombianas, depois de atravessarem o Pacífico, em levas pouco numerosas e de pequeno volume. Por isto a sua influência étnica parece insignificante, mas, em compensação, mercê da alta cultura de que era portadora, a sua influência civilizadora fora considerável.

Cada uma destas correntes deu tipos raciais diferentes, formados sob o estímulo diferenciador do meio físico, de vários cruzamentos com elementos dos diversos contingentes e, principalmente, como consequência de algumas mutações que se fixavam de geração em geração, generalizando-se dentro de certo âmbito territorial, mais ou menos isolado, ou área de formação racial.

O número de tipos étnicos conhecidos anda por cerca de uma dúzia. Os imigrantes da quarta corrente, ao que parece, sómente deram origem a dois tipos raciais: o dos SUDÉSTIDOS, na América do Norte, e o dos BRASÍLIDOS na América do Sul.

Os tipos étnicos subdividem-se em famílias linguísticas ou linguo-culturais que, como o nome está indicando, obedecem a um critério discriminativo cultural, especialmente baseado nos caracteres linguísticos.

O tipo BRASÍLIDO abrange, de acordo com os actuais conhecimentos da linguística sul americana, as três grandes famílias.

- I — Aruàque
- II — Tupi
- III — Caraiba

e mais as seguintes de muito menor importância:

- IV — Tocana
- V — Pano
- VI — Uitoto
- VII — Peba
- IX — Zaparo
- X — Yuracare
- XI — Tchapacura
- XII — Tchecobo
- ... —

Esta relação de famílias não é definitiva. Os estudos mais

acurados da linguística sul americana podem imprimir modificações importantes, sobretudo fazendo crescer o seu número.

*

* *

O objecto deste trabalho visa a uma circunstância desta natureza; propõe-se a demonstrar que a família CARIRI, de índios nordestinos, não pode ser mais considerada como de origem australóide, isto é, constituída por elementos oriundos das duas primeiras correntes imigratórias. Também não se deve filiar y terceira, que teve localização muito especial e restrita na América do Sul.

Os *cariris* são oriundos da quarta corrente, malgrado o ensinamento de todos os antropologistas e historiadores nacionais. A demonstração parece cabal, embora não absolutamente completa, pela carência de elementos antropológicos e etnológicos. Todavia, esta deficiência não prejudica o rigor das deduções.

Para ser completa, a demonstração exigiria, além do aspecto linguístico ou linguo-cultural, o aspecto antropológico. Pouco conhecemos das particularidades somáticas dos extintos índios dessa nação.

Sabemos, entretanto, que eram de baixa estatura, braquicéfalos e relativamente camecrânios (cabeça chata), pois a tradição destes caracteres se conserva ainda, e é confirmada porque tais qualidades antropológicas se vem perpetuando nas populações do sul do Ceará e de outras zonas do nordeste brasileiro que receberam o influxo da hereditariedade cariri.

Mas, quanto ao aspecto cultural, não resta dúvida que apresenta modalidades características, e afasta positivamente a origem assente nas três primeiras correntes de imigrantes sibirianos de cultura paleolítica ou mesolítica.

Os achados de peças da sua cerâmica e dos utensílios líticos, objectos de osso, tecidos, etc. e outros elementos usuais revelados pela sua linguagem e conservados pela tradição local, mostram uma bem evoluída cultura média ou neolítica, incon-

fundível com a dos povos mais primitivos, disseminados no nordeste do Brasil.

Para von Martius, os cariris pertenciam a sua divisão dos *Gucks* ou *Cocos*, ao lado dos *sabujás* e outras tribos que agora fazem parte das famílias *Caraíba* e *Aruaque*, como os *macusis*, *paravilhanhanas*, as *manaus*, *maraiúás*, *uirinas* e várias outras, vivendo nos mais longínquos rincões da amazônia ocidental.

Não é, pois de admirar que o velho linguísta abade Lourenço Hervás, no seu tempo, tenha aparentado a língua cariri com a dos *moxos*, legítimos nu-aruaques bolivianos.

Antes de Martius, Alcides d'Orbigny incluíra os cariris na sua inexpressiva divisão dos Brasília-guaraní. Os velhos cronistas, que registaram informes relativos aos indígenas, ofereciam melhor classificação, colocando este grupo nordestino na classe dos *Tapuias*, ou índios de língua travada, que abarcava todos os indígenas que não falavam a língua tupi ou qualquer dos seus dialectos.

Martius pensava que os cariris "índios do sertão do rio São Francisco", estendiam o seu domínio até os rios Curú e Acaraú, no Ceará, o que estava bastante longe da verdade. Apesar de já ter sido satisfatoriamente demonstrado que estes ameríndios, no Ceará, não habitarem as regiões centrais, limitando o seu domínio ao sul do Estado, especialmente ao vale do rio Salgado e a zona fresca do vale que tomou a denominação tribal, conspícuos divulgadores da história do Brasil continuam propagando noções erradas a respeito do *habitat* deste povo.

O etnólogo alemão somente conseguiu contacto com restos degradados da nação cariri, colhendo impressões muito desfavoráveis, como era natural a um tal estado de aculturação. Concluiu que os *Gucks*, raça inferior, aproximam-se contudo dos *Moxos*, pelos seus caracteres físicos, morais e até mesmo linguísticos. Embora sejam os *Moxos* um importante grupo da grande família nu-aruaque, a mais avançada divisão dos *Brasílicos*, não trepida em atribuir aos cariris as mais tristes qualidades como: ladrões, tratantes, desconfiados, pusilânimes, não guerreiros, que deixaram os portugueses se apossarem do seu

país! Os Gucks, para Martius, como raça, eram das mais feias e embrutecidas. Somáticamente eram mais delgados do corpo e mais fracos do que os botocudos, menores do que os gês, com uma cor mais amarela-escura do que pròpriamente cor de cobre. Nestas condições, os Guck e portanto, também os cariris, se afastavam físicamente dos aborígines derivados das primeiras correntes imigratórias que deram origem aos botocudos, gês, camacans, etc.

Daniel Brington, na sua obra clássica, "The American Race", referiu-se aos cariris dizendo que, entre os Guck de Martius, os mais notáveis eram os cariris ou Kiriris. E acrescenta: "são considerados como das mais instruídas tribos do Brasil; dados à agricultura, hábeis no tecer o algodão, no que empregavam um fuso (poponghi) e um tear (wonkuró) primitivos com tramas de diferentes classes".

Depois de observar as semelhanças linguísticas com o idioma dos *sabujás* e observar que no seu próprio há empréstimos oriundos do *tupi* e do *caraiiba*, lembra que von den Steinen admite que os cariris chegaram do Amazonas ocidental. (*in* Durch Central-Brasilien, pg. 303). Realmente, Steinen considera o cariri como um broto remoto de género *Caribe*.

Em 1877, em carta ao Dr. Benjamim Franklim Ramiz Galvão, o douto linguísta Baptista Caetano de Almeida Nogueira, publicada à guisa de prolóquio à 2a. edição da "Arte de Gramática da Língua Brasília da Naçam Kiriri", composta pelo Pe. Luís Vicencio Mamiani, obra pela primeira vez impressa no ano de 1699, após longas e judiciosas comparações e observações, conclui que "não fica decidido que o Cariri seja efectivamente e no rigor da palavra, dialecto da Língua Geral, mas vê-se que tem muito dela, assim como do Kechua Callu..."

Von den Steinen e P. Ehrenreich colocam o cariri entre as línguas de *duvidosa afinidade*; mas Rodolfo R. Schuller julga que há positivas afinidades ligando-o ao falar do que chama tribos aruaque-caribe.

As informações etnológicas colhidas e condensadas por Robert H. Lowie a respeito desta gente, *in* "Handbook of Ame-

rican Indians”, Vol. I, pgs. 556 a 559, confirmam a inclusão no grupo de que fazem parte aruaque, caribe e tupi.

Tudo isto, certamente desperta o interesse de indagar mais a fundo da real taxinomia do cariri, completando e ampliando os estudos comparativos da língua. Este problema de classificação preocupou muito a von den Steinen que confessa o fracasso dos seus trabalhos a respeito.

Os estudos neste sentido empreendidos incidente e perfunctòriamente por R. Schuller e mais modernamente por C. H. Coeje já representam uma animadora experiência e um estímulo para novas pesquisas mais desenvolvidas e conclusivas.

Nós mesmos tínhamos já vislumbrado o parentesco linguístico do cariri com idiomas do tipo brasílico (caraiba e tupi), bem como, um pouco mais remotamente com o ketchua, língua não pertencente aos brasílicos (Vê Contribuição para o estudo das afinidades do cariri”, publicado em 1928, na Revista do Instituto do Ceará).

Verifica-se atualmente quanto fora acertada aquela tentativa mesmo no caso do Ketchua, pois, evidentemente, o falar das Incas demonstra certas relações ou afinidades com o Brasilido, assim como com outras línguas Americanas. Este facto tem uma explicação lógica.

Chamamos *Brasilido* a língua morta de que derivaram as actuais famílias que se originaram da diferenciação étnico-cultural do tipo racial deste nome. Teria sido o idioma usado por um importante grupo de protomalaios logo depois da chegada á América, mas antes da sua segmentação. Parece natural supor que essa língua arcaica já trazia um começo mais ou menos apreciável de divisão, que se acentua com a dispersão e isolamento dos grupos no interior do continente, dando as diversas famílias agora conhecidas e outras que se perderam.

Não consideramos empresa utópica a pesquisa de elementos que levem a uma parcial reconstituição do *Brasilido*, como língua comum de derivação do caraiba, do aruaque, do tupi e dos outros idiomas de menor importância, entre os quais, agora, importa incluir o cariri.

Evidentemente, como disse Baptista Caetano, o cariri não é um dialeto aruaque, tupi ou caraiba. Pensamos, porém, que se deve colocar ao lado destes idiomas, na mesma ordem, como o pano, o tocano e outros do extremo oeste da bacia amazônica. Trata-se de uma língua coirmã, oriunda, como todas aquelas, de um tronco comum, que se pode chamar, até melhor conhecimento das circunstâncias que envolvem a questão, de BRASÍLIDO ou BRASILIO, língua morta da qual se destacaram, em condições diversas, directa ou indirectamente, todas as que constituem as famílias mencionadas e outras mal conhecidas e desaparecidas.

E' possível que os protomalaios, ao chegarem no Continente Americano, já traziam o germe de algumas diferenciações linguísticas. Isto é de presumir porque no seu longo, demorado e acidentado trajecto pelo Pacífico teriam recebido naturalmente dos povos com que tiveram contactos nas costas asiáticas ou que se diferenciavam nas ilhas oceânicas, onde escalavam as levadas migratórias, influências culturais e especialmente linguísticas.

A segregação de grupos nas densas selvas equatoriais e certas circunstâncias ligadas ao itinerário seguido para aquelas regiões, como o contacto com populações mais antigas, teriam completado a diferenciação linguística das famílias.

*

* *

O cariri, em vista do que R. Schuller chama a sua origem aruaque-caribe, e cuja língua, como refere o Dr. von den Steinen, indica relações com os idiomas do Ucayali e Alto Marañon, teria procedido dos confins ocidentais da bacia amazônica, centro principal da extensa área de dispersão dos *brasílicos*. Este povo, ao que parece, pertence àqueles grupos indígenas que viveram séculos no NW. da grande bacia fluvial, onde chegaram depois de atravessar a cordilheira. Ali se constituiu a sua área de caracterização.

Com a concentração, que se verificou depois, pela acor-
rência de numerosas tribos, oriundas também do litoral colom-
biano e talvez do ístimo para região tão apetecida e acessível,
as condições de vida tornaram-se difíceis, sobretudo para uma
gente eminentemente pacífica, mercê especialmente de guerras
contínuas.

Devemos supor que os cariris foram dos primeiros a emi-
grar seguindo para leste, pela corrente dos rios afluentes da
Amazonas e do Orenoco e mesmo pelo curso principal daquele.
Proseguindo nesta direcção, chegaram à confluência do rio Ara-
guaia pelo qual, tudo leva a crer, subiram; e tomando o To-
cantins, para se afastarem das populações australóidos do pla-
nalto, passaram alguns para as cabeceiras do rio Parnaíba, mas,
principalmete, desceram pelos afluentes norte-ocidentais do rio
São Francisco e estabeleceram-se nas suas margens. Dali se
disseminaram para o norte e para o sul, indo senhorear os me-
lhores trechos da Borborema, dos sertões ocidentais de Pernam-
buco e do sul do Ceará. Para o lado meridional do rio São
Francisco, dominaram a parte superior das principais bacias dos
rios da drenagem atlântica até o Paraguaçu. Esta é a sua área de
dispersão, tendo como centro as margens do ramo norte do
rio São Francisco. Nessa vasta região, que encontraram par-
cialmente ocupada por populações arcaicas, de origem austra-
lóide (sobretudo gê), vieram ter, também, levadas de caraibas.

Os cariris comprimidos entre os seus vizinhos de leste, ve-
lhas populações de proveniência australóide, e os novos advenas
conseguiram imiscuir-se entre aquelas tribos, indo ocupar re-
giões proximas do oceano que, entretanto, não alcançaram.

O isolamento relativo de certos grupos ao longo do rio São
Francisco, ao sul e ao norte, e o contacto com aquelas antigas
populações e com a dos caraibas operaram a segmentação da
língua prè-cariri em dialectos diversos, mas dos quais sòmente
conhecemos quatro seguintes:

Kipéa

Dzubucúá

Pedra Branco
Sabujá

Provavelmente, o grupo que veio habitar o sul do Ceará possuía um dialecto próprio, de que, infelizmente, afora alguns raros topónimos, nem relíquias já existem.

Supõe-se, com algum fundamento (Radin), que as tribos de falar tocano, pano, uitoto e outras, cujos remanecentes ainda vivem naquelas regiões do NW. da bacia do Amazonas, com um sistema de vida sensivelmente igual, foram os primeiros imigrantes que ali chegaram. Devemos acrescentar: oriundos da nossa quarta corrente.

Seriam protomalaios que penetraram o interior do Continente em busca de regiões adequadas ao seu estilo de vida. Ter-se-iam seguido os cariris e logo depois os caraíbas, provavelmente, também chegados do noroeste colombiano, os quais, como já teriam encontrado as grandes planícies húmidas dos sobpés orientais dos Andes, relativamente ocupadas, logo emigraram para leste, descendo pelos afluentes do Orenoco. Parece que os nossos cariris já tinham iniciado esta mesma migração, ou o fizeram simultaneamente, mas, de preferência, procuravam os tributários do Amazonas. Enquanto os caraíbas se foram concentrar nas Guianas e Venezuela, com poucas infiltrações para o sul do rio Amazonas, os cariris procuravam o nordeste do Brasil.

Somente mais tarde teriam alcançado as planícies do NW. os tupis e em seguida os aruaques. Pensa Radin que estes e até mesmo os tupis, dadas as suas afinidades culturais com os SUDÉSTIDOS da América do Norte e ao que parece também com os índios das Grandes Planícies daquela metade do Continente, vieram das bordas do golfo de México ou do interior dos Estados Unidos, provavelmente com a idéia de que teriam ingressado pelo estreito de Bering.

O caminho destas migrações para a América do Sul, teria sido a cadeia de ilhas ocidentais do mar das Caraíbas. Destarte, os índios haveriam alcançado o Continente bem perto do

amplo delta do Orenoco, pelo qual subiram a corrente principal e a dos seus afluentes, indo ter as regiões ocidentais e sudoestes da bacia amazónica (aruaques), e de leste e sul (tupis). Acrescentamos porém que, quanto aos primeiros, isto poderia ter acontecido, pelo menos em parte, mas, quanto aos segundos, parece-nos mais acertado supor que derivam das costas colombianas ou ístmicas. Os tupis teriam deixado as planícies do NW amazónico depois dos caraíbas; seguiram para leste pelo rio Amazonas e subiram os seus afluentes meridionais, Madeira, Purús, Tapajós e Xingu especialmente. Neste percurso iam deixando remanecentes mais ou menos importantes, a muito dos quais ainda encontraram os colonizadores europeus, mais ou menos isolados por ali.

*

* *

O Sr. Rodolfo Schuller teve oportunidade de fazer dois ensaios de comparação linguística, interessando, entre outras famílias, geralmente da bacia amazónica, a cariri. Do seu trabalho, "Yñerre, O Stammvater dos Indios Maynas", transcrevemos as seguintes aproximações destinadas a mostrar o parentesco do cariri com as línguas aruaques, caraíbas, tocanos e panos (1):

(1) Nas comparações, usamos as abreviações seguintes:

A Aruaque, família
 K Caraíba, família
 T Tupi, família Tupi-Guarani
 Tc Tucano, família
 P Pano, família
 C Cariri, família

A1 Allouges das Antilhas
 A2 Amuescha
 A3 Anti ou Campa
 A4 Araicu

Baeké, sobrinha, filha do irmão

páki, pai Tc. 18

paké-ro, avô Tc.11

-
- A5 Arauá
 - A6 Arawaak ou Arauac
 - A7 Ariti (Paressi)
 - A8 Aruan de Marajó
 - A9 Aruaco da Venezuela
 - A10 Arwacca
 - A11 Atorai
 - A12 Baniva ou Baniba
 - A13 Baré
 - A14 Bauré
 - A16 Canamaré
 - A17 Canawari
 - A18 Caria
 - A19 Carutana
 - A20 Catapoliani
 - A21 Catoquina
 - A22 Catoquinau
 - A23 Cauixana
 - A24 Curina
 - A25 Cuniba do Jurua
 - A26 Custenau
 - A27 Goajiro
 - A28 Guaná, Chané, Layana
 - A29 Gutanáu
 - A30 Guinau (kinikinau)
 - A31 Ipuriná
 - A32 Yucuna
 - A33 Yumana, Jumana
 - A34 Manau
 - A35 Marauá
 - A36 Mariaté
 - A37 Mawakwá
 - A38 Mehinacú
 - A39 Moxo, Mojo
 - A40 Pammari
 - A41 Paressi (Stelnen)
 - A42 Passé
 - A43 Paunaco
 - A44 Piapoco
 - A45 Piro

paxko pai Tc. 20; Tc.11

páki, pai Tc. 18

-
- A46 Siusi
 - A47 Tacana
 - A48 Tariana
 - A49 Taruma
 - A50 Tchontaquíro
 - A51 Ticuna (?)
 - A52 Vainumá
 - A53 Uarekena
 - A54 Uirina
 - A55 Uro ou Fukina
 - A56 Wapissiana
 - A57 Waruá
 - A58 Yakuna
 - A59 Yaulápití
 - A60 Yavitera
 - A61 Taino

 - K1 Accawai
 - K2 Aparai
 - K3 Apicá
 - K4 Arara
 - K5 Arecuna
 - K6 Arinagoto
 - K7 Arumá
 - K8 Bakairí
 - K9 Bonari
 - K11 Chaque
 - K12 Caraiba
 - K13 Caribi
 - K14 Caribici
 - K15 Cariniáco
 - K16 Carixona. Carljona
 - K17 Klanagoto
 - K19 Kirikere
 - K21 Cumanagoto
 - K22 Cuneguara
 - K23 Decuana
 - K24 Galibi
 - K25 Guaisqueri
 - K26 Guaque
 - K27 Ingaricó

pako, tio, irmã do pai Tc3
baque, rapazinho, filho P18

- K28 Ipurigoto
- K29 Iabarana
- K30 Yaguá
- K31 Yameu
- K32 Yauaperi
- K33 Yekuna
- K34 Yuma
- K35 Korpokery
- K36 Maiká
- K37 Maiógong
- K38 Makiritári
- K39 Macuxi
- K40 Mapoio
- K41 Motilon
- K42 Mutuan
- K43 Muxikeri
- K44 Pimenteira
- K45 Oyama
- K47 Nahuquá
- K48 Palmela
- K49 Panáre
- K50 Paravilhana
- K51 Pariri
- K52 Partanona
- K53 Patagon
- K54 Pianagoto
- K55 Piritu
- K58 Purukotó
- K60 Sapara
- K61 Seregong
- K62 Shebaio
- K63 Taino
- K64 Taíra
- K65 Tamanaco
- K66 Tapariko
- K67 Tiverigoto
- K68 Trio
- K69 Tchayma
- K70 Tchacopata
- K71 Tchipa
- K72 Usiká

baquennanete, útero P18

baquesama, sogros, pais da mu-

lher P18; P7.

-
- K73 Uayana
 - K74 Uruciana
 - K75 Wayewé
 - K76 Wayumara
 - K77 Woyawai

 - T1 Apiacá
 - T2 Araquaju
 - T3 Aueto
 - T4 Cayuá
 - T5 Cayowa
 - T6 Canoeiros
 - T7 Kauahib
 - T8 Cocama
 - T9 Chiriguano
 - T10 Gatuquinaru
 - T11 Guajajara
 - T12 Guarani do Paraguai
 - T13 Juruna
 - T14 Mundurucu
 - T15 Omagua
 - T16 Parintintim
 - T17 Tupi do Pe Figueira
 - T18 Tembé
 - T19 Kamayurá
 - T20 Tupi (Pe. Tastevin)
 - T21 Paranawat, Parnawat
 - T22 Tupi antigo da costa
 - T23 Tupi de Arronches
 - T24 Tupi (segundo Adam)
 - T25 Língua Geral (Martius)
 - T28 Tupi (Vocabulário de Gonçalves Dias)
 - T29 Tupi (Ferreira França)
 - T30 Tupinambá de D'Evreux
 - T31 Tupinambá da Porandubá Maranhense
 - T32 Oyampi
 - T33 Curuahé

baquená, parir P18
vaqué, criança P16

-
- T34 Chlpaya
T35 Trio
T36 Manitsauá
T37 Guarayo
T38 Tupi antigo (Pe. Moraes, Pernambuco)
T39 Guarani (Montola)
T40 Neengatú (Stradelli)
T41 Zaporó
T42 Miranha
T43 Neengatu (F. Costa, Amazonas)
T44 Abaneenga, (Baptista Octavio)
T45 Quêpiquiriuáte
Tc1 Bará
Tc2 Cobeuá
Tc3 Cobéua (Uykicét)
Tc4 Koeretu
Tc5 Dessana
Tc6 Pamóá
Tc7 Patzóka (iuruti)
Tc8 Ployé
Tc9 Pirá Tapuia
Tc10 Tatu Tapyia
Tc11 Tucano ou Tocano
Tc12 Uaiana
Tc13 Uanama
Tc14 Uaikana
Tc15 Uantyuua
Tc16 Umána
Tc17 Urubú Tapyia
Tc18 Yakuna ou Jaunavo
Tc19 Yupuá ou Jupuá
Tc20 Tuyuka
Tc21 Yápuá
- P1 Aguanagua
P2 Amahuaca
P3 Araza
P4 Arazairea
P5 Atsahuaca

wake, filho P8
 accóh, irmão K44
 aconé, primo, Guaíba
 paché, nora K69
 -bache, sobrinha A63

padzú, pai
 payé, pai

payu, pai A48; n. atsu, mãe A46
 pa-áyu, pai A58
 i-pahé, sobrinho/a K45
 p-áyu, pai A32; A48
 opatzi, mama A62
 opadyá, peito T13

P7 Conibo
 P8 Caripuna
 P9 Caxinauá
 P10 Caxibo
 P11 Culino
 P12 Janináua
 P13 Maioruna
 P14 Maxuruna
 P15 Pacaguara
 P16 Pano
 P17 Remo
 P18 Sipibo

P19 Yamiaca
 P20 Katukina do Gregório

DIALETOS CARIRI

PE Cariri da Pedra Branca
 DZ Dzubucúá
 Kp Kipéa
 S Sabujá

Nas transcrições foram usadas as ortografias dos próprios coletores de vocabulários. Como são estes de diferentes países, com línguas diversas, há uma certa discrepância que deve ser levada em conta. Os vocabulários aqui referidos são muito conhecidos para que importe referir os seus autores. Devemos contudo anotar que a maioria provém do Dr. Carl Friedr. Phil. von Martius (in *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, edição de 1833). Também foram valiosas as contribuições de Ehrenreich, v. d. Steinen, Koch Grünberg, Marcoy, Creveaux, Barbosa Rodrigues, Baptista Caetano, Stradelli, Lucien Adam e Paul Rivet.

- batth-hüt, estrela
bat-püt (Sab.), estrela
- J. ats. ammuh, parente
- ibi-chó, homem, pessoa
poitzu, pai (Sab.)
dzó, sobrinho
tzo-dze, irmã mais velha
- lai-koh, pai
mi-ukoh (Sab.), rapaz, menino
cuccu, tio
- yae-ké, sobrinha, filha da irmã
teké, sobrinho
renghé, esposo
by-ke, irmã mais nova
palden-hé, "patruus"
pa-yé, "patruus"
nhi-ké, tio
hig-gah, mãe
- massi-cu, lua A5; A64
vaji-se, A14
rahi, sol A5
- atz, homem A62
d. az. a, irmã mais nova A41
atz. iri, homem, "nos" os Campas A62
atsi-u, mãe Trumai
attsí-u, tio A52
átsi-nari, homem A19
átsi-nali, homem A20; A46
átsi-a, A48
ket-áthi, criança A60
c-átche, sol A28
s-ache, sol A43
- an-zu, mãe A4
tsógu, isógu, tio, irmão da mãe K8
tseku-tschu, penis Juri
- kucku, tio materno K44
coco, homem Saliva
kóki, cunhado A62
tschoucú, homem Juri
accóh, irm-ao K44
n-aco, tia A12
- tschiaun-gah, tio K44
ain-bekú, maça P11
bé-kí, criança T33
pe-que, menino, rapaz K21
hana-ko, mulher, em geral — Caráyá
bé-ki-tipít, rapaz T33
hanane-ki, criança A62
ichocori-quy, criança de peito K19
chiquiriquiri-quy, criança de peito K28
mure-mure-quy, criança de peito K39
- bur-án, irmão
hurang pany, velho
igniaktü-bürüh, irmã
- yo-pürü, tia, irmã do pai K3
uta-puri, irmã mais velha A57
ita-pürí, irmão mais velho A59

gib-uléh (Sab.), irmão
gulm-uleh (Sab.), filho

kütsi, mulher
iniut. kütsih (Sab.), filha

ingniut. züzü, filha

tai, lenha, árvore
utschih, uche, sol
ietzeh, mato

piry, irmão mais novo K17
na-biri, moça A 31
nou-béri, meu irmão A44

m-olü-rü, criança K44
m-oule-ké, papazinho K24
úlue, criança --- Uitoto
m-ule, parente A45
e-ule, amigo K45
k-ulé, criança A8
m-ure, moça K28; K65
ua-uri, mulher K9
n-uri, rapaz K44
um-uru, sobrinho K19
m-uru, filho A40
oli-psic, filha K45
ou-oli, mocinha K24
im-ulu, ovo K19
nuh-m-ullu, ventre A33
mouron, filho K24

utschy, irmão P11
damadø-kotchí, sogro A6
huchi, irmão mais velho P18
ove-notji, mulher velha-Guaná
occiu, mãe K65
dadoo-kootchi, avô A6
tita-usi, bisavô P18

pakuschuzü, criança P14
chichi, mãe P 18
dada-hinchi, tio A6
daoo-enchi, primo A6

palc-ouchi, lua K65
naibouch, ceu P16
nai-uchiqui, ceu P18
oschy, lua P11
ursche, lua P8
use, lua P18
uci, lua K28, K39
se, árvore, lenha K8
ueh-sé, ceu Tc 24

ibichó, homem, pessoa

pi-haoua, mulher-Guahibo
 pi-cha, sobrinha P18
 pi-cha, madrastra K28
 pi-chi, irmã mais moça K21
 chip-pi, irmã mais velha P18
 ouca-pi, irmã A44
 ama-bi, neto A28
 a-bi, pai A5
 a-pi-tsi, avô, avó K47
 a-pi-gi, a-pi-tsi, pai P8
 ezot-a-pi, irmão mais velho A28
 a-pi-ne, irmão mais velho — Trumai
 a-pi-si, irmão mais novo — Trumai
 ain-bi, irmão T13
 si-bi-ou, criança K24

nim. bi, neto

bi-y, pai A64
 bibi, mãe, avó K24
 yeni-pe, criança A20
 yana-pe, criança A48
 nac-abi, sol — Guahibo
 s-bi, parir P18

bui-gnich, calor

bui-cobehüh (Sab.) calor

caja-bluih (Sab.), dia

kuit-sará, lua (Oregone)
 ui-ne, estrela A6
 hui, chuva A6
 buino, Pleides — Jarouro

popo, irmão

u-wo, cunhado, marido da irmã

waa-poh, tia K1
 wara-buh, velho K44
 ân-po, velha, sogra K3
 na-po, mulher K2
 imom-bo, ovo K24
 no-bo, avô-Warow

tshibari-nang, rapaz

inaman-ari, creador K65
 japitu-ári, Deus da mandioca K65
 paitun-are, demônio das águas K65
 ary, dia A35
 andet-ari, criança A13
 p-ari-o, irmão mais velho K8
 iw-ári, irmão mais velho K8

- nau-ari, amigo A65
 hein-ari, homem A13
 am-aré, tu K65
 aschat-ari, um demônio A64
 sav-ari, demônio A64
 in-arú, mulher A19; A20. A46; A48; A32
 ina, mãe A65
 ina, ena, mãe — Guaíbo
- b-atth hüh,, estrela
 b-athüh (Sab.), estrela
- u-adi, p-adi, lua T33
 adi-rava, estrela T33
 w-adi-rara, ceu T33
 amapp-adi-n, deslumbrar A6
 kuar-ade, Sol T34
 hay-adi, sol T36
 m-adi-gaú, lua T36
 kxo-adú, sol T13
 j-atti, noite A65
 ghüg-aty, fogo A34
 k-atti, A6
 l-adi, ventre A54
- m-uttuh, ventre
 m-uttuh (Sab.) ,ventre
- utu, Avó T19
 n-oto, avó K21
 not, avó K65
 ôtu, avó K24
 eme-udum, parir A6
 eme-udu-tu, mulher no ato de parir A6
 te-uté, criança—Makú
 t-ote-ne, seios A45
 i-otí, carne K16
 i-cti, carne K45
 i-outti, carne K14
 p-uti, mulher casada K65
 po-ito, rapazinho K2
 p-ito, criança K24
 hab-ettou, mulher velha A6
 s-otu, mulher A31
 eto-no, moço A14
 ing-gu-itü, umbigo K44
 neke-uta, vulva A4
 uta-vuru, ventre A40

in-gniura-ng, filho

k-ura-ge, moço A8

ura-nmo, criança de peito K3

kxura, gente, povo K3

jura, dono, amo K14

idi-úra,

didi-uru,

dijura

leite de mulher A6

oura, lua — Otomaca

jato-ammuh, parente

jats-ammuh, (Sab.), parente

y-amu-tz, parente A2

mu, tio A21

w-amo-ko, cunhado do homem K8

amo-co, avô K39

t-amo, homem velho K45

a-amoh, avô K1

t-mo-ho, velho — Guafbo

gh-amu, sol K38

k-amu, sol A37

c-amu, sol A13

g-amu, sol A13

g-amu-i, sol A46

c-amuí sol A12; A52

imü-tzi, mu, raiz comestível

imu-, mandioca K19

imb-ru, ovo K8

Além destas comparações, que bastariam para demonstrar o parentesco do cariri com as línguas das famílias aruaque, caraiba, tupi, tocano e pano, R. Schuller regista outras menos expressivas, mas ainda bastante valiosas. Em outro trabalho, "As línguas indígenas da bacia do Amazonas e Orenoco" consigna várias de especial importância para provar a origem especialmente aruaque-caribe das tribos cariris. Não podemos deixar de transcrever algumas das mais interessantes para a nossa tese. Ei-las:

CARIRI

inhura, filho

ARUAQUE-CARIBE

ti-yere, filho A1

utoto inhúruí, rapaz A40

itau inhúruí, moça A40

iny uru, menino A40
 inyua múto, menino K8
 asch inhor, homem A2
 tscheinhor, filho A2
 majoyór, virgem A27
 ohiro, filha A41
 nisere, primo A21
 nizera, irmã A26
 ehinari, homem A13
 nou-aniri, meu pai A44
 dute hiro, menino A41
 enira, homem, menino A26
 inhoru, ovo K8
 ir zórzo, irmão mais novo A59
 irchori, irmão, primo A59
 intere, menino A45
 ineri, homem, gente A45
 atsinari, homem A19
 inaru, mulher A19; A20
 inaru, mulher A46; A20
 inarou, irmão K4
 inaru, mulher A46; A48
 inanáru, mulher A58
 atsinali, homem A20
 níni, menino pequeno A4
 nu-níri, meu pai A14
 aini yarur, mãe P11
 ina, ena mãe — Guaíbo
 emurú, filho K65
 tnulu, filho K13
 unuro, mulu, filho A40
 ínu, ovo K3
 mule, família A4
 úlue, menino pequeno — Utoto
 mule, menino, criança Tc. 16
 nemuár, menino pequeno A2
 yamukui, rapaz A38
 moní, rapaz K3
 inéri, rapaz K8
 mulé, ommu, rapaz K39
 mumu-re, rapaz K45
 nehúlu, testículo A26

	imo, ovo — Carijona
	ateynal, homem A8
nunhuh, lingua	ninhinn, lingua A2
	nenne, lingua A62
	nuru, lingua K65
utschih, fogo	inchi, sol A2
	chichí, fogo P16
tzambu, cabeça	mapu P18
da, dente	nejés, dente A2
bate, casa	baçú, casa A2
haeké, sobrinha	bako, filho P9
bewô, árvore	bedu, lenha — Makú
tzi, lenha	tzé, fogo A38
dube, chefe	abe, avô A41
jatsammuh, parente	yanútz, amule, parente A2
tubbuh, Deus	puinc, Gleidas — Yaruro
byké, irmã mais nova	baque, filho P18
cuccuh, tio	côke, sogro A62
utschih, uche, Sol	use, lua P18
utschéh (Sab.), sol	ursche, sol P8
dzu, água	únn, água A2
	missú, rio — Trumaf

O linguísta C. H. Coeje confirma com outras comparações interessantes o parentesco cariri-caraíba, deixando suspeitar relações da mesma natureza entre o cariri e o tupi. Vamos transcrever as que nos pareceram mais interessantes e positivas da sua obra "O Cariri".

CARIRI

ni, prefixo pessoal da 1a. P.
a prefixo pessoal da 2a. P.
i, prefixo pessoal da 3a. P.
di prefixo pessoal da 3a. P.
ku prefixo pessoal da 1a. Pp.

dsebu; K tsambu, cabeça

CARIBE

y
a
i
tu, ti
ku, ki

asa, cabeça; use, cabelo; usa-ku, encéfalo

po, olho	opo-te, olhar, ver; K21 soñar, encontrar
banhe, orelha	pana
nabidze, K nébi, nariz	enata
nhunu, língua	nu
hebi, lábio; hebe, riba, margem	K21 etpi; T44 em-bey, riba
woro, palavra, boca	K21 kuoro, garganta; T44 yurú boca
ware, sacerdote	wale, cantar
ubuire, ventre	poburo, peito
mudu, utero	mune
bo, braço	apo. T24, T44 po, mão
K amysá, mão	K21 emia, mao
bui, pé	pu. T24, T44 py ,pé
sóko, urina	K69 chuku, urina
dzo, tso, ser entornado	K21 achuka, dissorar; achukta, gotejar
ará, varão	K21 warazo
politão, adolescente	poito
boito, ser casado	puito, esposa
kuku, tio	K8 ogu
anha, tia	K39 Wane
K se, senhor	K21 eseno, msetre
ba, morar, bate, morada	bata, pata, lugar aldeia
pita, rede de dormir	pati, rede (de dormir)
K. u-ba-mana, plantio	manha, plantação
K. mena, paliçada	amenari, aldeia
utona, farinha de mandioca	K65 ute
u-rada, terra	ra, solo
ukewo, peçonha	okoyu, serpente
boedo, monte	uepuí
erã, folha	ari; K21 arete
puru, flor	pulli; T24 putira; T44 yboty
epru, cacho	pere, fruto
mui, raiz comestível	K21 imiti, raiz
ka, dirigir-se a alguém por palavras	ka, akara, dizer
ne, nhunkie, obediente	-ne-ndo
ne, ver, ouvir	ne, ver; enu, olho
neka, objecto guardado	enek, objeto de adorno
uno, sofrer	K21 hue, torturar
ule, K. re, irado, irritado	ore-ko, ficar irado
lambui, chegar ao fim	irambu, morrer; irombo, o que passou
titi-titi, estremecer	tititi; T21 ryry;
tu, pensar	K 65 putu
me, tinta de jenipapo	me, sinal

habe, salário	epe; T41 epy
ubi, ver, ouvir, K. by, procurar alguempipi, procurar	
pi, pequeno	K26 pi-shaka, pouco. T21 miri, pequeno pouco; T44 mi, um pouco
pah, serbatido. po, golpe	apo, amassado; putu, clava de guerra
upu, soprar	K26 po-to, acender; wapoto, fogo; T21 peyu, soprar, vento
pu, assar	pu
wi, ir embora	winha, movimento para além do objeto;
ui, desaparecer	ui, posposição; T21 s-ui; T44 gui

O Dr. Baptista Caetano, em 1877, tentou fazer uma aproximação do cariri com o tupi. Depois de apontar várias comparações mais ou menos sugestivas, chegou a conclusão de que aquele idioma não é um dialecto desta língua, mas tem as duas entidades linguísticas alguma coisa de semelhante.

Vamos relacionar as suas comparações mais características:

KARIRI

ambé, paga	hep;
ambú, fronteiro	arabópyr o lado oposto
anhá, tia	anre parente
anhi, alma	ang. alma, sombra
babasité, espeto	b.bag, o que se revêta ou volta
baeké, sobrinha	yké irmã mais moça
baeru, calcanhar	pyrú, pisar
bakiribu, pente	kyb, piolho; kybu, catar,
	kybab, kygua, pente
baté, morada	tyba-eté
by, pé	py, pé
hydi, cinza	ty, cisco,, lixo
byké, irmã mais nova	yké
ho, braço	pó, mão
bu, espiga	ur, brotar; byr, levantar-se, crescer
hucupy, flecha de milho	b-kupy, perna de árvore
hulbu, cabaca	bebui, leve, boiante
huicú, flecha	uyb-ukú, flecha tonga
buró, casca	irer, couro, pele
cavá, noite	aaru, a tarde

ceyé, manhã	koe, manhã
cc, fogagem	koõ, arder, queimar
cutó, virote	kutug, furar
cramemú, caixa	caramemuá (tupi), karamenguá (guaraní)
cró, pedra	kurú, torrão, seixo
cradzó, vaca, carne	kara-soó, animal, carne de animal
cu, licor	ikú, cousa líquifacida
dzú, água	ty, líquido, limpha
culmbó, pó que fica da farinha	kuibor, pulverulento
de, mãe	si, mãe
dubé, aio	tubé, pai diferente, padrasto e tuter
dzá, dente	tái
dzé, nome	ter
einhé, noticia	teinhéa, fábulas
etsamy, parente	tamõi, tamul, avô
eyapó, crueiras de mandioca	hapó, raiz; eyapó, raiz fibrosa, a que não passa na peneira
he, tripas	tyjé, barriga, tripa
hebarú, tronco de pau	yba, fruto; árvore
hó, fio	pó, fibra, fio
kidí, bolor	kati, mau cheiro
mará, inimigo	mará, desordeiro
mu, raiz	mu, parentesco
mucrí, umbigo	pykyr, centro e bico
naembi, nariz	nambi, orelha
nhupy, vinho de milho	jupyr, comestíveis e bebidas
nhiké, avó	tyké, irmã mais velha
pepete, palma do pé	py pyté,
pycá, banco	apykab, assento
paewi, cachimbo	petyyb, tubo do cachimbo
pi, pequeno	mi, pequeno
py, capim	kapii
potú, medonho	pytu, escuro
prenhé, fígado	perebe, baço
ro, vestido	tob, folha; aob, roupa
si, coração	sy, mãe, origem, fonte
saby, cadeiras	tebi, nádegas
tykykú, carimã	typybú, sedimento
seridzé, arco	syryb, ponta de flecha; seridzé, vara da flecha
somby, pendão de milho	tumbyky, bico, ponta de qualquer cousa, principalmente de frutas

songá, penas novas	háb, penugem; hungá, apalpar
teké, neta	tykér, irmão mais velho
tinghi, cana flecha	tingi, cipó mata peixe
tó, avó	tub, pai
ubó, fruta	ybá
waruá, espelho	guaruá
wasú, esquerdo	jasú
wó, caminho	ho, ir
woré, encruzilhada	horé, por onde se foi
andi, lançar cheiro	teakuandí, está exalando bom cheiro
bapl, estar deitado	guapy, estar sentado
bohé, ser ensinado	mbocé, ensinar
by, correr	jepy, voltar
byté, tornar	jeby
dzunú, dormir	tekó, estar
eikó, sarar e descansar	nhenhõ, deitar-se
enunhé, guardar-se	hó, ir
ho, voar	ybag, céu; ybaté, alto
ibae, subir	zoacúb
keikó, encobrir	mará, desordem, motim, guerra
mará, pelejar	ár, ;, cair
nhá, morrer	pupúr, fever
sulpú, fumegar	sá, jab
sá, nascer	satá, hatá, duro
sadá, secar, estalar	koróí, brotar
saleró, arrebentar as plantas	ty, sumo, caldo, líquido; tyhó, bai-
tidzó, chover	zar a corrente
titi, tremer	tyty
usé, alegrar-se	h e, ser grato, ser feliz
wó, caminhar	nó, ir

A demonstração do parentesco do cariri com o tupi, feita pelo linguísta brasileiro é satisfatória

Certas palavras oferecem um especial valor demonstrativo. R. Schuller, com objetivo diverso explorou algumas, como *nhu*, *nu*, *nhure* ou *nhura*, filho; *etsamú*, *amú*, parente

Vamos examinar mais algumas outras de indiscutível importância para o objectivo deste trabalho.

Sem dúvida, é natural que as ideias de boca, língua, lábio, bem como das respectivas funções, ingerir (comer ou beber), falar, dizer ou vozear, gritar, clamar, etc. estejam mais ou menos intimamente relacionadas entre si nas línguas antigas, como são as ar. ericanas. Daí, o esperar que as palavras representativas ofereçam raízes e até temas comuns, senão mesmo uma certa troca no sentido, dentro do grupo léxico que traduz aquelas ideias. Isto tem sido verificado no estudo comparativo das línguas malaio-polinesianas, americanas e australianas.

CARIRI

K. Waridzá, boca

PB. Orizá

Dz. Wolidzé

S. Orizé

CARAIBA

Mudá, ndá; botárrí, 1; muitá, 2; dack, 13; tári, 8; utá. no, 21; utar, 24; emba ári, 27; in d'sre, 29; in danáque, 31; undá, mutá, 41; untá, 82; emtá, potá, 46; kotári, 44; antále, 55; mdári, 63; mutá, 67; yená sore, 69; potáre, entala, 70; i potá, 81; umdáti, 40; em. dári, 74.

PANO

koja, 9; xotá, dente, 19; rátxá, falar, 19; chi-itá, 4; tsi-itá, dente, 14; úshá, 14; se etá, dente, 8; dzá, dente, 11; ecuachá, 11; setá, dente, 7.

UITOTO

ki. matá, pescoço, 1; ki. myatsá.
ka, bochecha, 1.

ARUAQUE

un, tágu, 56; otago, 11; uitá, oytá uni, beber, 33; nik tenao, beber, 42; eytaleu, beber, 28; netá, língua, 34; patáli, watáli, língua, 12; nóttá, minha língua, 3; nyatí, língua, 59.

TUPI

sitá, lábio, 13; mabitá, comer, 21; atécong.

comer, 14 atécaun, beber, 14; indá, dente, 3; itái, dente, 19.

TOCANO

ntiá, comer, 13; duá, língua, 13; diéro, 10; itcéro, boca, 7; ithiéro, boca, 15

TUPI

K. Tzá, dente
P.B. dzá
S. zah

indái, 3; çainha, tanha, 4, 22, 25, 29; ae. rái, 7; sai, tsai 8; çanha, 10, 23; he. rái, 11; rái, 12; erai ,14; say, zai, 15; ae. rái, 16,21; ranha, 18, 43; yene rái, itái, 19; tãý, 20; sanha, 27; e. ranha, 28; taim, 30; e. rái, 32; e. nãi, 32; omái. 33; a. iá, 34; rahy, 37; hai, tai, 39; senha, ranha, tanha, 40; tãi, tãim, 44.

ARUAQUE

naí, né, 3; nay, 3, 34; naí kurí, 7; caí, 9; natí, 16, 18; ihí, 25; natu (u frances), 35; naíkulí, 41; et. set, echét, e. tché, 8, 47; huisé, 50; áhai, ási, 52; nitsere, pitseie, 57.

CARAIBA (K)

zeru, téré, 2; yé. ri, 4, 3, 24, 26; uié, 5; ieri, 37; jári, 55; y, é, re, 45; uvi. re, u. vi. re, 47; jeré, 48.

PANO (P)

sa. ti, flecha, 19; chi, itá, boca, 4; ése, dente, 3; setá dente, 8; tchitá, dente, 14; dzá, sitá, 11; challá, dente, 10; vota, dente, 10; xota, dente, 9; arái, flecha, 9.

Nunú, língua (todos os dialetos)

PANO (P)

rana, 9; âna, 14; yupenu, comer, 14; hana, 16; hanab, 4; eâna, 3; jána, 15; ine caybáb anú, 11; ana, 7;

CARAIBA (K)

nuro, 2; nuru, 63 inu, 81; ilú, 4, 8; iurú, 44; unu. m, 31, 41; onnú, 41; muri, 24, 55, 67; enuru, enule, 70; anulo, 11; enuru, 27; nú, o, 47; u. uru, 92; unuru, 93;

ARUAQUE

neló, 4; nûny, 16; nena, 33, 62; lenau, 32; nene, 42; nêné, 23, 29; e nana, 48; ninhe, 12; nenepe, 36; nehêne, 28; nunál, pinyéi, néi, 57; guené, 50; nu nei, 36, 38; ninise, 7; cajono, 9.

TUPI

cu, 37; apecu, cu, 12, 21, 24, 29, 39, 45; ípecô, apecô, pecô, 20, 40; intengú, 3; yekô, 19; jape cong, 25; aicuá, 1; aê cume, 1; waicó, 14; acu. m. 21; si cuá, 13; ape cum, 38; apeckon, 30; apêcom, 13; apicu, 18; ia picón, 4.

K. ami, comida, mantimento

Dz. ami, comer, alimento, nutrição

P B. ami, comer

h. ani. choá; ni. ngá, A28; maniça, 47; nu. nicó, A39. t. emi. ú, T18; mi. ú, T29. ami. tua, K8; mani, K61; emi, beber, K5; aminê, K61; emi, beber, K5; animê, K27; cheme. r. beber, K24; eme. ri, beber, K63; êné. ve, K46; ini, K1.

K. isú, sú, fogo, lenha.

S. utche

PB. utchí, sol

CARAIBA (K)

kachí, sol, 61; kachí. cochí, sol, 11; tchí, xi. sol, 37, 40; uci, lua, 31, 41; wa. snê, 47; quicê, lua; ata-quicê, luz, 12; xixi, sol, 2; xixi, tchichi, sol, 8; uci, sol, 28, 39.

PB. tsí, lenha

S. inu, fogo

PB. issu, fogo

hechí, alto

PANO (P)

y. unitchí, diabo, 11; naib. uchi. que, eeu, 18; oschy, lua, LL; ursche. lua, 8; tschú, fogo, 8; ozü, 11.

ARUAQUE (A)

c. átche, sol, 28; s. ache, sol 39, 43; s. ácce, sol, Mossa; tshé, he, fogo, 29; yrisy, fogo, 36; k. átchi, sol, 63; k. atchi, fogo 35; jixê, fogo, 54; y. tsche. pa, fogo, 36. itchi. pa, fogo, 52; w. ishi, estrela, 37; y. atschí, lua, 16; k. atsi, lua, 3; c. ashí, fogo, 64; c. asi. ri, lua, 62. tachi. k. asi, fogo, 37; k. áthi, lenha, fogo, 30; c. assi. ri, sol, 65; ashida, lua, 12; c. assi. ri, lua 64; chinchí, fogo, 66; intschí, sol, 2; sam. enchy, diabo, 45; hat, xé, sol, 28; cachi, cochi, sol, 15; katchã, katxé, 26; chichi, fogo, 3, 50; dissy, fogo, 3; ársi, fogo, 12; tehite, fogo, 25; tachi, fogo, 27; itzei, itse, 1, fogo, 57; zro, jrc, fogo. 58;

TUPI (T)

cuara. cti, sol, 1; xixi, sol, 2; ashiti, fogo, 34; achi, sol, c. achi. mbué, ceu. 13; coara. cy, sol, 4, 22, 25, 29, 31; cora. hê, sol, 4; quara. ù, sol, 5; kwarai, sol, 7; quara. tshê, sol, 8; quara. zi, sol, 12; uachi, uaschi, caxi, sol, 14; ghualachy, huatassi, sol, 15; coracy corassê, corarry, kwarahi, sol, 18; quarahü, sol; çahü, lua, 11; kuara. cy, 20; kuara. i, sol 21; coaraci, sol, 23, 38; kwarasy, sol, 24; coracê, sol, 27; curassi. sol, 28; corai, sol, 32; kaidi, sol, 33; kuara. dê, sol, 34; quaraci. sol, 39; curaci, 43; achi fogo, 13, 34; yasüe, lua, 2; iacy. lua, 4, 12, 22, 25, 39, 29, 31; yasê, lua, 5, 27; yahi, lua, 7, 16; yasi, yachê, lua, 8; uachi. at, caxi. at, lua, 14; yacti, lua, 15; yahê, lua, 16; yacy, zarri, zahi, lua, 18; jaci, lua, 23; jacy 24; kachi-kwa, lua, 41; yaü, lua, 19; yai, lua, 21; i-asi, i-assê, lua, 28; yaê, lua, 32; uâdi, lua, 33; iaci, lua, 38, 42; yaci, lua, 44. (2)

(2) A falta de sinais gráficos obrigou algumas vezes o uso inconveniente de modificações ortográficas, como **nh** por **ñ**, etc.

As comparações feitas bastam para demonstrar que o parentesco do cariri com as línguas faladas pelos povos do tipo étnico brasilico é da mesma ordem que o que relaciona entre si o falar característico daqueles elementos raciais.

Seria possível levar mais adiante a relação de exemplos expressivos, mas seguramente o que está feito basta para convencer os mais exigentes linguístas, dos que estudam os idiomas sul americanos.

O cariri está para com as línguas aruaques, caraibas, tupis, uitoto, panos, pebas, etc. assim como provávelmente o português está para o francês, italiano, espanhol, rumeno e todas as outras línguas românicas. A semelhança léxica acompanha também a analogia sintática. Oportunamente teremos de mostrar objectivamente as relações desta natureza, analisando especialmente a sintaxe do cariri, do caraíba e do tupi. Releva adiantar que as diferenças estruturais de ordem gramatical não comportam outro tipo de parentesco que importe num grau capaz de invalidar as conclusões ditadas pelo estudo léxico comparativo.

OBRAS CONSULTADAS

Os principais trabalhos consultados foram:

- ABREU, J. Capistrano de. A Língua dos Caxinauás do rio Ibuacu. Rio de Janeiro, 1914.
- ABREU, S. Fróis. Na Terra das Palmeiras. Rio de Janeiro. 1931.
- ADAM, Lucien. 1) *Materiaux pour servir a l'établissement d'une Grammaire comparée des dialectes de la Famille Kariri.* Paris, 1897.
- 2) *Materiaux pour servir a l'établissement d'une Grammaire comparée des dialectes de la Famille Caribe.* Paris, 1893.
- 3) *Materiaux pour servir a l'établissement d'une Grammaire comparée des dialectes de la Famille Tupi.* Paris, 1896.
- 4) *Grammaire de l'Accauai.* 1904.
- ANCHIETA, Joseph de. *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na Costa do Brasil.* 1595. Ed. de J. Platzmann. Lipsia, 1874.
- ARAUJO, Antonio de. *Catecismo Brasilico da Doutrina Criãts.* 1686 — Ed. de J. Platzmann.

- ARRONCHES, Fr. João de. O Caderno da Língua ou Vocabulário Português-Tupi. 1739. Ed. de Plínio Ayrosa. S. Paulo, 1935.
- BARBOSA Rodrigues, João. 1) Pacificação dos Crichanás. Rio de Janeiro, 1885.
2) Poranduba Amazonense. Manaus, 1887.
- BEUCHAT, H. e Rivet, Paul. La Famille Linguistique Zaparo. 1908.
- CAETANO d'Almeida Nogueira, Baptista. 1) Vocabulário das palavras guaranis usadas na "Conquista Espiritual" do Pe. Ruiz de Montoya. Ed. dos Anais da Biblioteca Nacional, 1879|1880.
2- Apontamentos sobre o Abanheênga.
- CASTILLO, Pedro de. Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil. Século 17°. Ed. de P. Ayrosa. S. Paulo, 1937.
- COSTA, Dom Frederico. Elementos necessários para aprender o Nheengatu. Manaus, 1909.
- CREQUIS-MONTFOTR e P. Rivet. 1) Linguistique Bolivienne. 1913.
2) La Famille Linguistique Takana.
- COUDEAU, Henri. Vocabulaires Indiennes.
- EVREUX, Pe. Ivo d'. Viagem ao Norte do Brasil. Tradução do Dr. Cesar A. Marques, com introdução e notas de M. Ferdinand Diniz. Maranhão, 1874.
- FIGUEIRA, Pe. Luís. Arte de Gramática da Língua Brasileira. Lisboa, 1687. Nova Ed. de Emílio Allain. Rio de Janeiro, 1880.
- FRANÇA, Dr. Ernesto Ferreira. Crestomatia da Língua Brasileira Leipzig, 1859.
3) Esboço Gramatical de Abanhee, 1879.
- KOCH-GRUNBERG, Dr. Theodor. 1) Os Índios Ouitotos, 1906.
2) Ein Beitrag Zur Sprache der Ipuriná-indianer. 1919.
- MAGALHÃES, Couto de. O Selvagem. 1a. ed. Rio de Janeiro.
- MAMIANI, Luiz Vicencio. 1) Arte de Gramática da Língua Brasileira da Nação Kiriri. Segunda ed. Rio de Janeiro, 1887.
2) Catecismo da Doutrina Christã na Língua Brasileira da Nação Kiriri. Primeira Ed. Lisboa, 1698.
- MARCOY, Paul. Voyage Á Travers L'Amérique du Sud. Paris, 1869.
- MARBAN, Pe. Pedro. Arte de la Lengua Moxa. 1760. Facsimilar de J. Platzmann. Leipzig, 1894.